

Rodas de leitura e formação do leitor

Pedro Benjamim Garcia¹

Tenho certeza de que a leitura não é comparável a nenhum outro meio de aprendizagem e de comunicação, porque ela tem um ritmo que é governado pela vontade do leitor; a leitura abre espaços de interrogação, de meditação e de exame crítico, isto é, de liberdade; a leitura é uma correspondência não só com o livro, mas também com nosso mundo interior através do mundo que o livro nos abre (Italo Calvino).

Formação do leitor

Paulo Freire, falando de como o ato de ler foi se dando na sua “experiência existencial”, constata que a “leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”², em uma dinâmica em que as palavras se “encarnam nas coisas”.

Segundo ele, a “compreensão do texto, a ser alcançada por sua leitura crítica, implica a percepção das relações entre o texto e o contexto”³. E mais adiante: “Os ‘textos’, as ‘palavras’, as ‘letras’ daquele contexto – em cuja percepção me experimentava e, quanto mais o fazia, mais aumentava a capacidade de perceber – se encarnavam numa série de coisas, de objetos, de sinais, cuja compreensão eu ia apreendendo no meu trato com eles nas minhas relações com meus irmãos mais velhos e com meus pais”⁴.

Esta descrição de Freire, de sua *formação* de leitor, estabelece uma relação entre as palavras e as coisas, mediada por relações sociais, que pouco a pouco vão forjando a sua identidade enquanto pessoa.

A *formação* do leitor é pouco aprofundada nas pesquisas que tratam deste tema. Formação – de que se trata? *In-formação, de-formação, con-formação, trans-formação*. É a *transformação* que buscamos, principalmente na área da Educação, em que trabalhamos com valores. Mas a informação, o conformismo e a deformação não estão ausentes, em que pese a subjetividade para caracterizar cada um destes aspectos no processo educativo.

Pensar a leitura como formação é buscar o que transforma o sujeito neste processo, o que implica pensar na subjetividade do leitor. Como no caso de moleiro Menocchio, um moleiro do século XVI, considerado herege pela Inquisição, cujo processo foi pesquisado por Carlo Ginzburg.

Menocchio, a partir de suas leituras e observações cotidianas, criou uma cosmogonia: “Eu disse que segundo meu pensamento e crença tudo era um caos [...] e de todo aquele volume em movimento se formou uma massa, do mesmo modo como o queijo é feito do leite, e do qual surgem os vermes, e esses foram os anjos. A santíssima majestade quis que aquilo fosse Deus e os outros, anjos, e entre todos aqueles anjos estava Deus, ele também criado daquela massa, naquele mesmo momento (...)”⁵.

O importante não é tanto o que Menocchio lê mas *como* lê, o que faz de suas leituras e como as transforma em convicções próprias. Em síntese, como ele é por elas formado, como se transforma enquanto sujeito, vale dizer, como constitui sua identidade, que não é estática nem definitiva.

Jorge Larrosa⁶ privilegia a questão da experiência no processo de formação. Segundo ele, vivemos um tempo em que o conhecimento se dá apartado do sujeito que conhece. Ligar sujeito e conhecimento através da experiência é o que – para Larrosa – caracteriza a formação. *A experiência, no caso, é o que nos marca*. Podemos saber muito sem que isto nos toque, sem que este saber interfira em nossa existência. Basta que este conhecimento seja “exterior” a nós mesmos.

Para que a experiência ocorra, é necessário ter a capacidade de *escutar, dialogar e negociar significados*. É todo um aprendizado possível de ser realizado através de rodas de leitura, que privilegia a *escuta, o diálogo e a negociação* de significados.

Escuta porque tenho que ouvir o que o outro (ou os outros) têm a dizer; *diálogo* porque, reagindo a esta fala, coloco minha opinião sobre o que está sendo debatido; *negociação de sentido* porque nem sempre há consenso acerca dos temas que estão sendo tratados, podendo-se chegar a um denominador comum – em alguns casos por mútuas concessões –

ou a manutenção da divergência (cada um mantendo o seu ponto de vista, antagônico ao do outro ou outros).

Mas o que é uma roda de leitura?

Uma roda de leitura, ou círculo de leitura, se caracteriza, como diz o nome, por um círculo ou semicírculo, reunindo um determinado número de pessoas em torno do leitor-guia. O leitor-guia pode ser um especialista em um autor, exemplo, Machado de Assis, e estar apto a responder às questões que surjam em relação à obra e à vida deste escritor. Mas esta não é a principal qualidade que deve pautar a escolha do leitor-guia. Um especialista pode ser uma pessoa que não tenha qualidades para dinamizar um grupo, fazer com que as pessoas se expressem e postulem, de forma aberta e dinâmica, suas questões. É esta sensibilidade, além de conhecimentos básicos em torno do que é lido, que define a qualidade do leitor-guia.

Como afirma Eliana Yunes, o leitor-guia “mobiliza, provoca, costura as demais falas sem prevalecer a sua própria. Neste sentido, sua experiência é muito relevante – longe de fazer preponderar a força de seu conhecimento, ele o partilha na medida mesma em que a solicitação direta ou indireta se faz, a partir de alguma outra colocação realizada por qualquer dos intervenientes do círculo”⁷. Sem esquecer, como diz a mesma autora, que “muitas vezes é necessário ter sagacidade para conter os participantes mais afoitos/espertos/sabichões que, rapidamente, querem tornar-se proeminentes, causando mal-estar aos demais”⁸.

Na roda de leitura, referente à pesquisa “Reordenação de linguagens e formação do leitor”⁹, convidei escritores que dividiam as atenções com o leitor-guia e, algumas vezes, eles próprios faziam este papel. A presença do autor do texto suscita questões acerca da criação literária, do sentido e da interpretação do texto, de dados acerca dos personagens e da trama da história. Pode ocorrer, também, conforme observa Suzana Vargas, que a presença do autor intimide o público ou que ele mesmo se iniba ao falar do seu trabalho¹⁰.

Enfim, a roda de leitura, ou qualquer evento onde a palavra circule, é uma aventura quase sempre imprevisível, o que lhe dá um sabor de novidade.

É importante ressaltar que a denominação *roda* de leitura como *roda* não é gratuita, esta é uma formação que pretende que a hierarquia não se estabeleça a partir do lugar que se ocupa. Embora todos se voltem para o leitor-guia, que é uma espécie de regente de orquestra, são os participantes que “tocam” a roda.

O número de pessoas, o tempo de duração, o local e o texto a ser lido pode ser pré-fixado (exemplo, um ciclo sobre Carlos Drummond de Andrade) ou negociado (quando se trata de vários encontros com o mesmo grupo e o leitor-guia sonda as preferências da maioria). Pessoalmente, prefiro trabalhar com cerca de quinze pessoas, o que me permite conhecer melhor cada um dos componentes da roda. Acho que se poderia estabelecer como regra: nem tão poucos que não se permita uma variedade de opiniões, nem tantos que se perca a possibilidade de distinguir quem é quem. Isto vale, principalmente, quando a roda é feita de forma sistemática, durante um período, com um determinado número de pessoas (como ocorreu no SESC/Niterói, no Rio de Janeiro, no primeiro semestre de 2001, nos “Encontros com Clarice Lispector”, em que atuei como leitor-guia em oito sessões).

O tempo de duração pode variar de uma a uma hora e meia, dividido entre a leitura e o debate; sendo uma hora, dez a quinze minutos de leitura me parece razoável, ficando os restantes 45 a 50 minutos para o debate.

O local deve ser o mais acolhedor possível. Prefiro lugares fechados, espaçosos, despojados e silenciosos.

A escolha dos textos é da maior importância para o êxito de uma roda de leitura. É fundamental que o leitor-guia se identifique com o texto que vai trabalhar, o que não significa que ele não negocie com o grupo com o qual vai realizar a roda (o que ocorreu no curso que dei sobre Metodologia da Leitura, no primeiro semestre de 2001, na Faculdade de Educação da UFRJ, todo ele realizado com rodas de leitura).

Em alguns casos, os textos e/ou o autor são anunciados previamente. Como ocorreu em 1999, quando fui leitor-guia de uma roda de leitura com poemas de João Cabral de Melo Neto, que acabara de falecer, no evento “Paixão de Ler”, promovido pela Secretaria de Cultura do Rio de Janeiro e realizado na UFRJ.

Seja como for, uma roda de leitura é sempre uma surpresa. Textos que julgamos que terão êxito, às vezes, fracassam e vice-versa. Quando a roda de leitura é sistemática, vai se aprendendo, com o tempo, o gosto de cada um e as surpresas, quanto a êxito e fracasso, são menores.

Até agora falei de textos em prosa, já os poemas, como diz Suzana Vargas, “são um capítulo especial. Pode-se ler um autor de modo mais ‘profundo’, ou vários, organizando-se uma espécie de antologia. Em qualquer dessas opções, o principal é descobrir, com o público, o prazer escondido na sonoridade das palavras e na organização rítmica, as imagens, a liberdade de interpretação, a riqueza filosófico-existencial contida num verso como, por exemplo, em ‘Nascer é muito comprido’, de Murilo Mendes”¹¹.

A mesma autora chama a atenção e aponta que é fundamental “todos terem o texto na mão e nada ser comentado de forma abstrata. Há uma diferença enorme entre a história ouvida e a história lida. O que é lido se fixa mais em nossa mente, ao mesmo tempo que provoca. E provoca porque ocasiona o que a história apenas ouvida não permite: a releitura. É muito importante repassarmos o texto, hora em que os detalhes de vocabulário, de construção, de intenção aparecem com maior nitidez”¹².

Com este procedimento não se deseja direcionar a interpretação do que foi lido pois, como nos alerta Iser, “o repertório e as estratégias textuais se limitam a esboçar e pré-estruturar o potencial do texto; caberá ao leitor atualizá-lo para construir o objeto estético”¹³.

Resultado de uma experiência

Em uma experiência de curta duração, que realizei no SESC de Niterói, utilizando textos de Clarice Lispector, durante oito encontros, o resultado foi positivo, conforme o registro da fala de uma aluna: “Não sabia interpretar e não sentia o menor prazer na leitura, depois destes encontros acordei para este mundo tão fascinante e envolvente que é ler. Acho que vou melhorar até como professora. É preciso que nós, educadores, proporcionemos aos nossos alunos contatos prazerosos com a escrita e a leitura, para que eles possam se constituir numa fonte de informação, prazer e reflexão. Mas aprendi que para que possamos formar leitores, precisamos ser, como você [referindo-se ao leitor-guia], leitores. Nesse

sentido, o curso representou mais um passo para que redescobrissemos o mundo da leitura e por ele nos apaixonássemos”.

Depoimentos como este são recorrentes no tipo de trabalho que realizo.

Não estou buscando uma fórmula mágica que dê conta dos problemas que envolvem as complexas questões de aquisição de conhecimento, mesmo porque nem sempre a dinâmica da roda de leitura dá certo. Textos são rejeitados, os debates nem sempre se sucedem na medida em que, na minha opinião, seriam mais produtivos, há sempre o que fala “demais” e o que fala “de menos”, sendo difícil coordenar o acesso democrático da palavra a todos, etc. Mas mesmo com os problemas que resultam de qualquer prática educativa, o saldo que tenho obtido até agora é positivo.

Notas:

¹ Professor da Universidade Católica de Petrópolis. Pesquisador do Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento Científico – CNPq. Consultor dessa série.

²FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo, Cortez Editora, 1988. p. 11-2.

³Idem, ibidem. p. 12.

⁴ Idem, ibidem, p. 13.

⁵GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes – O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo, Companhia das Letras, 1995. p. 119.

⁶LARROSA, Jorge. Literatura, experiência e formação (entrevista). In: **Caminhos investigativos (novos olhares na pesquisa em Educação)**. COSTA, Marisa Vorraber (org.). Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2002. p. 134.

⁷YUNES, E. Círculo de leitura: teorizando a prática. In: **Leitura: Teoria & Prática**. Campinas, SP, v. 18, número 33, junho/1999, p. 19.

⁸ Idem, ibidem.

⁹*Reordenação de linguagens e a formação do leitor* foi uma pesquisa inter-institucional apoiada pelo CNPq e coordenada pelos professores Pedro Benjamim Garcia (UFRJ) e Tânia Dauster (PUC/Rio), no período de 1997/99. Esta investigação abordou, de forma sistemática e aprofundada, o que se denominou “crise de leitura”. Questão que, volta e meia, a imprensa aborda, e que também se encontra nas freqüentes queixas dos professores de que seus alunos não lêem e, conseqüentemente, não sabem escrever. Falta de leitura e dificuldade em escrever resultariam na pobreza de expressão que a maioria dos jovens ostentaria. Esta seria uma das versões deste fenômeno. Uma outra apontaria para uma nova mentalidade que estaria privilegiando o campo visual, a comunicação através das imagens. Isto redundaria em uma outra forma de comunicação e, conseqüentemente, em um outro perfil de leitor. A este fenômeno os coordenadores desta pesquisa denominaram “reordenação de linguagens”, cujo significado seria a gestação de um outro sujeito social com outro perfil de leitor.

¹⁰VARGAS, Suzana. Rodas de leitura – o que são, de onde vieram, para onde vão? In: **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, SP, ALB/Mercado Aberto, v. 16, n. 29, junho 1997, p. 63.

¹¹ Idem, ibidem.

¹² Idem, ibidem.

¹³ISER, Wolfgang. **O ato da leitura – Uma teoria do efeito estético**. vol. 2. Rio de Janeiro, Editora 34, 1996. p. 9.

